

1.º Anno
N.º 9

Revista quinzenal Illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranesse

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 25 de Novembro de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas



CONDE DE ARNOSO

A guitarra do Braz

A' noite, mal a sineta da fabrica dava o signal de levantar o trabalho, o Braz enfiava á pressa, por cima da blusa azul muito lusedia do uso, a jaqueta de panno, pegava no chapéu e a correr, embrulhando nas mãos um cigarro, ia encostar-se ao para-peito da ponte de Alcantara á espera de Gertrudes, que á mesma hora despegava do trabalho na fabrica de tecidos em Santo Amaro. Os vadios do sitio, os trabalhadores, os marijos, que ao escurecer se juntavam ali, já o conheciam, e apenas o viam desembocar da Rua da Cruz, diziam uns para os outros com ar de troça:

— Lá vem o gajo, e a gaja é que não tarda uma loja de barbeiro!

Effectivamente a Gertrudes era sempre das primeiras a passar as portas. Ao sair da fabrica separava-se das companheiras, que aos grupos, rindo e conversando, se demoravam pelo caminho. O Braz, apenas a avistava embrulhada no seu chaile de lã, saía-lhe ao encontro e ao seu lado, muito preso da

luz dos seus olhos meigos, da sua voz que lhe saía arrastada da bocca pequenina, acompanhava-a invariavelmente, todas as noites, até á Rua das Trinas, onde a Gertrudes o despedia pretextando — que o pae já estava em casa, que era muito desconfiado, que nunca mais a deixaria voltar só da fabrica, se os visse juntos. O Braz apertava-lhe as mãos e deixava-se flear até que ella desaparecia lá em cima, na esquina da rua. E voltava triste para casa, repetindo as palavras que lhe ouvira.

Elle morava numa casa terrea ao lado da fabrica de estamperia. Teria então os seus vinte annos, e todas as suas recordações se prendiam áquella casa onde vivia desde creança com a avó, uma santa mulher que lhe queria como ás meninas dos seus proprios olhos! Dos paes nada sabia, só se lembrava vaga e confusamente d'uma scena terrivel de lagrimas numa desordem de policias, de gritos, de apitos e de soldados da Municipal. Um domingo, já depois de homem, tentou arrancar á avó essa historia que elle presentia se ligava com o desaparecimento dos paes. Era uma tarde de Dezembro. De quando em quando a chuva caía em grossas bategas lavando as pedras da calçada, escoando-se pelas valetas. A intervallos apparecia o sol, um sol de inverno baixo e frio mas muito claro que enchia de brilho as gottas, que compassadamente continuavam a cair dos beirões dos telhados. Com os raios do sol o canario animava-se dobrando o canto, e saltava contente de poleiro para poleiro na sua gaiola de arame, suspensa da verga da unica e estreita janella de peitoril que allumiava toda a casa. Sentados á banca depois de jantar, o Braz olhava pela porta aberta para a agua que corria nas valetas e recordava-se com saudade do tempo em que, garoto ainda, muito pequeno, antes de entrar para a fabrica, se divertia improvisando barcos das folhas seccas das arvores, e os seguia, mettido na enxurrada, até se sumirem pelas boccas esboreadas das sargetas! A avó, do outro lado da estreita meza, com os cotovellos fincados sobre a toalha lavada d'aquelle dia, com a cara rugosa apoiada entre as mãos enregeladas, se desviava os olhos do neto era para os fixar na estampa da Virgem, pregada com quatro taxas na parede fronteira e que de lá lhe sorria accenando com o Menino Jesus amoravelmente seguro contra o seio! Tinha feito do seu Braz um homem. Era feliz. E essa alegria disfarçava a sua velhice com um veu de mocidade. Como

na rua passasse um pequeno chorando com o fato molhado muito unido ao corpo e tolhido de frio chamasse pelo pae, pela mãe, numa voz tremelicante cortada pelos soluços, o Braz, apiedando-se da desprotegida creança, exclamou:

— Coitado!

E em seguida, encarando a avó, accrescentou:

— Nunca me falou dos meus paes. Ande, madrinha diga-me tudo; no fim de contas não sou um engeitado.

A pobre velha empallideceu como se lhe tivessem dado uma facada. Quiz falar e não pôde; apertara-se-lhe um nó na garganta. Estendeu os braços lançando-os ao pescoço do neto, e, com a cabeça pendida sobre o proprio hombro, chorou por largo tempo num grande desafogo. O Braz afflicto amei-gava-a; quando a viu mais socegada, como se realmente tivesse ouvido toda a historia, perguntou baixo como quem se arreceia da resposta:

— Então foi o pae quem teve a culpa?

— Sim, foi teu pae; a mãe não o quiz deixar. Lá foram ambos. . .

O Braz, mudando de tom e de conversa, satisfeito, esforçava-se por fazer esquecer á madrinha o que tanto a atormentava. Sentia-se alliviado. Tendo vivido sempre no aconchego das saias da avó, sem a convivência d'um homem, e trabalhando na fabrica ao lado de mulheres, repugnava-lhe ao seu coração que fosse a sua propria mãe quem tivesse arrastado a desgraça áquella casa. Como fôra o pae, a coisa era outra. Só as mulheres eram boas. A avó uma santa, a Gertrudes um anjo. E esta maneira de pensar explicava o seu character. Impressionavel mas irresoluto, tímido e passivo, deixava-se levar como uma creança. Assim, se alguma vez se atrevia a insistir com a namorada para a acompanhar á casa, depressa se convencia com qualquer desculpa, a ponto de não saber mesmo a rua onde ella morava. Por isso nos dias santos não a via. Deixava-se ficar por casa a pensar no seu amor. A avó, que ignorava a paixão do neto, ralhava-lhe por elle não sair:

— É's mesmo um bicho de matto!

E sem comprehender que com os seus sustos de mulher infeliz, as suas pieguices, era ella a causa inconsciente da vida que o Braz fazia, accrescentava:

— Não, que nem sequer tens um amigo.

O Braz não replicava, deixava-a dizer. Nessas occasiões tinha desejos de falar na Gertrudes; mas não se atrevia.

Havia mezes que durava este namoro. Uma noite, porém, ella não appareceu. As companheiras passaram aos magotes pelas portas de Alcantara alegres, contentes, animando o sitio. O Braz, com os olhos esgasiados, procurava em vão a Gertrudes. Pouco a pouco tudo aquillo foi caindo numa grande solidão. De longe a longe, parava um americano. O conductor gritava — Alcantara. Um ou outro passageiro apeava-se. Em cima, nas companhias da Municipal e no quartel dos Marinheiros, as cornetas tocavam melancolicamente a silencio; sómente dos cafés de Alcantara saíam em notas estridentes os compassos de velhas walsas tocadas em pianos desafinados. O Braz, fôra de si, fez naquella noite, umas poucas de vezes, o caminho desde as portas até á Rua das Trinas. Só tarde é que entrou em casa. A avó esperava-o. Pela primeira vez teve para ella um movimento rude. Ao outro dia foi com repugnancia para o trabalho, ancioso pela noite para esperar a namorada no pouso do costume. Tão infeliz como na vespera, decidiu ir na manhã seguinte á fabrica de Santo Amaro indagar das companheiras o que era feito da sua Gertrudes. Era á hora do descanso. Os garotos corriam na rua brincando uns com os outros; os homens conversavam ás portas

das tavernas onde estavam afreguezados; as mulheres, aos grupos, sentadas ao longo do passeio fronteiro á fabrica, aqueciam-se ao sol. Nos degraus das Flamengas o Braz viu a Ignez, uma rapariga com quem a Gertrudes tinha ido um domingo á festa de Santo Amaro, approximou-se d'ella e perguntou-lhe:

— Então a Gertrudes está doente?

— Doente? Isso sim! Na terça-feira ao despedir-se de nós, da Rita e da Joanna, disse-nos: "Adeus reparigas, vou ter tudo quanto me falta; nunca mais voltarei á fabrica, sejam felizes." Perguntamos-lhe se ia casar. — "Sim, vou casar. . .", e desata a rir deitando a fugir ali pela ponte nova, que até parecia que levava o diabo no corpo.

O Braz sentia fugir-lhe a vista e pallido encostou-se á parede.

— Está a caçoar! Ella era lá capaz de fazer tal. . .

— Tão verdade como eu estar aqui; assim Deus me ajude.

— O pae rebenta-a, contestou o Braz.

— Pae! Ora bem embaçado, pae foi coisa que nunca teve. Chegue d'aqui á Rua do Machadinho, vá á carvoaria e lá lhe dirão quem mora defronte.

Nisto a sineta principiou a badalar, e o largo portão da fabrica escancarou-se para dar passagem a toda aquella gente. O Braz, mordendo os beiços, procurava represar as lagrimas que lhe humedeciam os olhos. A Ignez, pegando nos restos do seu almoço embrulhados num lenço, disse-lhe:

— Adeus, senhor Braz! Olhe que não vale a pena!

E, juntando-se ás companheiras, apontou do portão para elle, que se deixara ficar sem saber o que havia de fazer, como um idiota, a chorar.

(Conclue no proximo numero).



ARNALDO PEREIRA

GRITOS

Alma dorida, coração rasgado,
Eu amo apenas, sangue de granito,
Tudo o que nasce p'ra dizer um brado,
Tudo o que vive p'ra cantar um grito!

Tudo o que exprime e furacão em viagem,
Passando aos gritos, com que me distraio.
A bala d'um canhão é fraca imagem;
Ha o ráio, porém: adoró o ráio.

Quando elle passa em meio da tormenta,
Oíço-lhe ao longe a voz, hêbo-lhe a fala.
Um raio é uma alma que rebenta;
E a alma grita sempre, quando estala.

Eu amo a vida ruidosa, ardente,
Vida gritada, que é a do coração.
Odeio o quarto mudo d'um doente,
Embora o doente seja meu irmão.

Quero o ruido, não o ruido lento
D'um trem que passa ao largo, em horas mortas,
Mas o ruido em fremitos do vento,
Batendo á noite com furor ás portas.

Quando entre a fúria enorme das procellas
O vento passa, elastico, a tremer,
Eu vou abrir as portas e as janellas,
Unicamente p'rás ouvir bater.

Alma gritada, coração ferido,
Busco com ancia os brados infinitos.
O odio pelo Amôr tapou-me o ouvido:
P'ra que eu o oiça ha-de falar aos gritos!

Amo a loucura, os doidos, as vertigens,
Cinja-as embora um gargalhar funesto.
Gosto do ruido, não indago origens.
Sentil'o é tudo; que me importa o resto?

Um relógio, um chronómetro de sala,
Marcando horas é uma cousa vã.
Eu só o tolero quando a corda estala,
Como uma bomba numa festa aldeã.

Adoro a Vida, não a vida calma,
Eterna, mathematica, vulgar,
Mas essa vida em que se mostra a alma;
E a alma p'ra ser alma, ha-de gritar!

Um furacão que tomba do Infinito,
Ha nelle a alma, um coração remoto.
Um grito é um mundo; um terramoto é um grito,
E porque é um grito, eu amo o terramoto.

Não amo a luz do sol, o eterno môço,
Sempre calado na amplidão tranquilla.
De que me serve a luz, se eu não a oiço?
P'ra que eu a veja é necessario ouvir-a!

Quando o vento emmudece nas quebradas,
Gemendo aqui e além, num sobresalto,
Eu ponho-me a gritar ás gargalhadas,
E rasgo a bocca p'ra gritar mais alto!

Detesto uma ameaça; a ameaça é nada
Quando não estala a bocca que a rangeu;
Prefiro-lhe um ataque á mão armada,
Embora o atacado seja eu.

Arde-me a casa toda, d'alto a baixo;
E eu entre as chammas, ruivo leão em suór,
Ouvindo ao longe a voz do populacho,
Quebro as vidraças para ouvir melhor!

O que eu desejo é a gargalhada elastica,
O riso doido, intrepido, profundo,
Que passa e vae numa explosão bombastica,
Morrer ao longe, como um fim do mundo.

Buscar um'Alma sem um grito, um canto,
E' como quem procura na amplidão
Algum Suicida que não seja um Santo,
Ou algum Santo que não seja um leão.

Doidos que passam dobram-me o joelho;
—Um labio doido é um riso de granito.
Adoro o sangue, só porque é vermelho,
E o que é vermelho dá a impressão d'um grito.

Odeio a paz, o cemiterio, as lousas,
Mudas olhando as solidões agudas.
Eu quero a vida em frémitos das cousas,
Não quero a vida alvar das cousas mudas.

E porque eu amo os brados infinitos,
Amo estes versos, que nem Deus acalma,
Versos da Alma que eu arranco aos gritos,
Gritos rimados com pedaços d'Alma.

Na minha ancia collossal dos brados,
Eu que desprezo em mim tudo o que é meu,
Amo estes versos por que são gritados,
E oiço-lhe o grito porque os grito eu.

E porque os amo t'os dedico a ti;
Ouve-os calada, os versos que ahí vão,
Para que os oiças, eu os escrevi;
Para os gritar, basta-me o coração.



RAMALHO ORTIGÃO

Nas margens do Lima

O mercado semanal em Vianna celebra-se ás sextas-feiras, num largo lanço de estrada macadamizada, á beira da agua, ao pé do jardim. A feira é constituída por mulheres de todas as freguezias circumvizinhas, d'aquem e d'além rio. Chegam de manhã, enfileiram-se ao lado umas das outras, em tres ou quatro ordens de extensas alas parallelas, pousam no chão os cestos com as respectivas mercadorias, e vendem de pé á multidão que preenche os espaços intermediarios de fila para fila, os ovos, a manteiga, o punno de linho, a sirguilha, as riscas, as rendas, todos os variados e curiosissimos productos das industrias caseiras dos arredores. Não ha uma barraca, nem um toldo, nem um guarda-sol aberto. O sol cae de chapa em cada figura, e a luz, intensissima, verberada de limpido céu, refrangida pelo espelho do rio inunda numa claridade triumphal, verdadeiramente gloriosa, esse vasto quadro deslumbrante.

As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pittorescas, as mais graciosas, as mais variadas de côr e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminil.

As saias curtas, descobrindo a base pyramidal da perna nua, são de panno carmezim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lâ urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas ás linhas pretas, castanhas ou azues; cinzentas ás riscas vermelhas, azues, castanhas ou brancas, numa enorme diversidade de tons. Camisas de grosso linho alvissimo, mangas largas, bordadas em apanhados bysantinos no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sobre os hombros, bordadas ainda a linha de côres, á russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso. Grandes collarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de folho ou barra de renda. O collete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de velludo preto lavrado no estylo de Utrecht, ordi-

nariamente pospontado numa espiguiha de ouro ou de prata. Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em pregas miudissimas, presas aos debruns encarnados, pretos ou azues. Os aventaes estreitinhos e curtos, encabeçados em funéos de linho bordado a côres, são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlate e de azul persa. Brincos largos de filigrana de ouro. Collares de contas de ouro liso. Algibeiras pendentes da cintura, a um lado, em ampla *châtelaine* de panno, com applicações polychromas guarnecidas de lentejoulas. Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsacia, fazendo diadema sobre os cabellos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, á semelhança do que usam as mulheres dos Appeninós, já envolvendo o rolo da trança sobre a nuca e cahindo em duas pontas sobre as espaldas, são ordinariamente vermelhos, de um magnifico vermelho ardente, de purpura, côr da flôr dos cactos.

Aponto á pressa, em notação de resumo telegraphico, alguns typos que se destacam aos meus olhos com mais particular relevo.

Uma velha. Sessenta a setenta annos. Rija e direita. Saia muito curta, cinzenta, com barra escarlate, altos tamancos, pernas sêccas e vermelhas, de perdiz. O lenço em desenhos persas, azul, verde e amarello, prendendo a trança. Cabello espesso, crespo, grisalho claro, cahindo na testa e formando suissas de cada lado do rosto. Grandes olhos pretos, nariz grego, dentes magnificos. Arrecadas de filigrana. Collar de grandes contas de ouro polido. Jaqueta curta, desabotoada, de panno azul escuro com botões amarellos, mangas muito justas, gola inteira e redonda. Longo collarinho de folhos, fechando em bofe no peito. Vende leite.

Joven viuva, tecedeira em Cardiellos. Vende panno. Morena, olhos castanhos, bôcca fina. Cabello louro em bandós lisos. Lenço de seda preta, atado em laço á alsaciana no alto da cabeça. Saia de linho branco em riscas de lã preta e barra preta. Camisa bordada a branco. Collete de panno preto, abotoado no peito com quatro botões de ouro liso dispostos em quadrado. Grande collarinho redondo cercado de renda engommada. Arrecadas e collar de ouro.

Outra tecedeira. Rapariga de Santa Martha. Busto cheio, solidamente modelado; cinta fina, cabelo louro anelado, olhos azues, nariz levemente arrebitado, boquinha gorda. Collete azul bordado a vermelho e a ouro. Saia azul com listras e barra encarnadas. Avental em bordados felpudos azues e encarnados. Camisa de folhos no peito e nos hombros. Algibeira vermelha com lentejoulas de ouro. Grande lenço de algodão vermelho, em prato sobre a testa, contra o sol. O seu aspecto lembra uma festival fogueira de S. João, ardendo em pleno dia. Quando ri nos dentes brancos e pequenos, toda ella parece crepitar num polvilhamento de luz, como um estilhaço de sol. Dir-se-ia que a sua juvenil e saudavel figura rebenta do chão como uma planta em flôr, e que ella sahiu, assim vestida e penteada, com o seu cabaz á cabeça, da alegria da terra, como um grito de jubilo.

Outra, da Meiadella. Vinte e cinco annos. Alta, delicada, de uma pallidez quente, dourada ao sol. Olhos pretos, ensombrados por enormes pestanas. Grossos sobrolhos. Nariz recto. Uma pennugem fina, de pecego maduro, nas fontes e no beico arqueado em flexa. Vestida de cinzento e azul. *Gorgete* de rendas. Vende panno

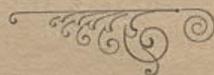
de linho, mas parece que o dá de presente, a tal ponto é senhoril a sua attitude artistica, de Phrynéa vestida, pousando na feira de Vianna como no areopago de Athenas, direita, a cabeça alta, as duas mãos na cinta, esbelta como uma amphora modelada em Paros por Praxiteles para levar de beber a Alcibiades.

Prezo-me de ter visto mulheres e de ter reparado nellas em alguns dos sitios onde mais famosas se tornaram as legendas da formosura. Vi-as celebradas pela arte nas melhores telas de Leonardo de Vinci, de Raphael e do Ticiano, de Velasquez e de Murillo, de Van Dyck e de Rubens, de Rembrandt, de Metsu e de Ary Scheffer, de Greuse, de Watteau e de Latour, de Reynolds e de Thomaz Lawrence. Vi-as nos proprios logares onde vivem ainda as conterraneas dos grandes typos consagrados pela arte: em Hyde Park e em St. James Park, nos Champs Elysées e no Luxembourg; nas Delicias e no Prado; nas Galerias St. Hubert e no Bosque da Haya, no Square Brougham em Cannes e no Passeio dos Ingleses em Nice, no Trinkhalle de Bade, no Cursaal de Wiesbade e no Palmengarten de Francfort; na terra de Espronceda, na terra da Byron, na terra de Musset, na terra de Gæthe, em todas as velhas cidades flamengas, e nessa nevoenta e misteriosa Frisa, onde as raparigas, de um mimo sagrado e impolluto como o das flôres do gelo, se diz descenderem das antigas sereias do mar do Norte.

Pois bem! eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, vi mulheres mais bonitas do que algumas das que encontrei a vender na feira de Vianna.

Impressionado por este phenomeno, procurei explical-o, e cheguei a esta conclusão: a mulher do campo de Vianna é a mais bonita de Portugal simplesmente pela razão de que é, entre as mulheres portuguezas, a mais bem educada.

(Das *Farpas*).



ALBERTO D'OLIVEIRA

PARABOLA

"Homens, não cuideis só da vinha e do celleiro: Cuidae da salvação, cuidae da alma, primeiro!"

Vosso maior empenho é ter gado e ter pão: Pois fôra bem melhor, loucos, ter coração!

Tendes pomar viçoso e de fructos coberto, Mas vossa alma é mais triste e nua que um deserto!

Que importa que o trigal prospere e a vinha augmente, Se em vós nada floriu, além da má semente!

Vêde as aves do ceu tão felizes, tão bellas... Foi Deus que semeou e lavrou para ellas!

Não têm lagar nem vinha, ou seara opulenta... Foi Deus quem lhes deu vida e é Deus quem lh'a sustenta!

ALA-MODERNA

Em vez, de como vós, ceifar, encelleirar,
Vão á busca de Deus, voando, pelo ar...

E enquanto vós cuidaes da ceifa e da vindima,
Seu vôo, sem cessar, de Deus as aproxima!

Oh! gente louca e vã, que um medo vão consome:
Só vos assusta o frio e vos inquieta a fome!

Ter que vestir na arca e crias na manada
E' ter tudo, dizeis; e eu digo: é não ter nada!

O que fiaes na roca e no tear teceis
Não encobre de Deus os males que fazeis!

Não ha sêda que esconda ou véu que dê abrigo
Aos que a mão do Senhor marcou para castigo!

Oh! gente louca e vã, vêde os lyrios do val
Vestidos de brancura e graça matinal...

Salomão não trajou velludos nem setins
Como os vêdes trajar ás rosas nos jardins...

Que roca lh'os fiou, que tear lh'os tecou?
Fiou-lh'os o Senhor, teceram-se no Ceu!

Imitae, gente vã, teimosos peccadores,
O descuido da ave e o descuido das flores...

Sabe Deus mais que vós, o que vos é preciso:
Não penseis em viver — pensae no Paraiso!,,



ALFREDO PIMENTA

A TERRA

(Ao Antonio Lemos)

Terra bemdita! Ventre fecundo!
Mãe de nós Todos!
Mãe da Alvorada, do Mar profundo,
D'astros e lôdos!

Terra do lume! Terra do Trigo!
Terra da Vida!
Terra da Alma Sã do Mendigo!
Do Suicida!

Terra da Magoa! Terra assassina!
Terra do Arado!
Terra do Pobre! Terra divina!
Terra do gado!

Face da Terra! face de beijos,
Face d'amor!
Alma do Mundo, luz de Desejos!
Alma da Dôr.

Eu te bemdigo, Santificada
Terra bemdita!
Cáio a rezar-te, d'alma ajoelhada,
Terra infinita!

Arvores mudas! Arvores santas,
Quem vos creou?
Fonte do monte que, alegre, cantas,
Quem te gerou?

Altos pinheiros! ó pinheirais!
Quem vos supporta?
Velhinha rude, aonde ficais
Depois de morta?

Rio que vens, cheinho de dôres,
Numa tormenta,
Quem é que cura teus amargôres,
Quem te sustenta?

Fontes e rosas, rudes aldeãos,
Mansas pombinhas!
Arvores mudas, Rochedos bons,
Trigais e vinhas!

Rios de luar vivendo a correr,
De serra em serra,
Como é que haviéis vós de viver,
Sem o fecundo ventre da terra?

A terra é Vida, Vida infinita!
A Vida é luz!
E a luz é eterna, que em tudo habita,
Na alma da Pedra, na alma que grita
Sobre uma cruz!

A Terra é santa! Terra sagrada!
Terra do Amor!
Carne santissima é fecundada
P'lo amor bemdito da Madrugada,
P'la mão callosa do lavrador!

Terra das rosas brancas e puras
P'ra nós amarmos!
A neve dá-lhe prantos e alvuras...
Nella se rasgam as sepulturas
P'ra repoisarmos!

Traz o seu peito cheio de ruas,
Cheio de estradas
Feitas p'las lingoas ferreas e núas
Das fecundantes, claras charruas,
P'las madrugadas...

Nasce em seu ventre o pão que sustenta!
Pão de luar!
Nasce em seu peito a Peste cruenta,
O rugir mau de heroica tormenta,
A hostia do Altar!

Terra da Treva! Terra do Trigo!
Terra do Brilho!
Eu te venero, reso e bemdigo...
D'esse teu ventre, nasce o Mendigo,
Deus é teu filho!

Eu te bemdigo, sanctificada
Terra bemdita!
Caio a rezar-te, d'Alma ajoelhada,
Mãe do Rochedo! Mãe da Alvorada!
Terra infinita!



LUIZ DE MAGALHÃES

A ORGIA

Noite. Estrellam a sombra as luzes do Mosteiro.
Errante, passa no adro o vulto do Romeiro.

O PEREGRINO, na sombra

"Olha em festa, de noite, a casa do Senhor,
E as monjas a entoar os canticos divinos!
Que transportes d'amor,
Que paixão, que fervor,
Por ti, doce Jesus, nesses sagrados hymnos!
Estranho, inebriante aroma se respira,
Da columna de incenso, erguida para Deus...
Haurindo-o, a nossa alma, em extase, delira,
E, ascendendo na sua interminavel spira,
Dir-se-á subir aos céus!
Como aves a cantar e a esvoaçar, em bando,
Evolam-se do côro as vozes harmoniosas.
Ah! deixa-me escutar as monjas, entoando
As preces fervorosas!,"

VOZES DAS MONJAS, no Mosteiro

"O' doce Amado, ó Esposo! Eis-nos aqui, Senhor,
Prostradas a teus pés, a desmaiar d'amor..."

Recebe a nossa off'renda!—A ti, vivo e fremente,
O nosso coração, batendo anciosamente!

A ti o nosso peito, onde, sacrario mystico,
Guardamos teu amor, como o pão eucharistico!

A ti a nossa alma, em chammias consumida,
A ti o nosso sangue, a ti a nossa vida!

Oh! vem, Amo adorado, enlevo deleitoso,
Aroma embriagador, Fonte d'eterno gôso...

Oh! vem, doce Manjar, taça de raro Vinho,
Carne adoravel, mãos de caricioso arminho!

Ah! deixa-te possuir, deixa-te absorver!
Deixa-nos commungar o teu divino Ser!

Deixa-nos exgotar, haurir teu sangue em beijos,
Nossas Delicias, nosso Amor, nossos Desejos!...

Entra em nós, vive em nós, idolatrado Amante!
Arde dentro de nós, como uma flamma ondeante!

Queima estes corações! Abrasa-nos, Senhor!
Consome-nos no teu insaciado ardor!..."

Enlevado no canto, o tremulo Romeiro,
Firmado-se ao bordão, penetra no Mosteiro.
Mas, momentos depois, co'as mãos cobrindo o rosto,
Numa viva expressão de horror e de desgosto,
Sáe de lá—e na sombra immerge lentamente...
E, de novo, a sua voz vibrou dura e fremente.

O PEREGRINO

"Horror! horror! Visão sacrilega e monstruosa!
Sonho infernal! Sabbat medonho! Hedionda orgia!
Como é, Senhor, como é que a tua mão poderosa

Não desce, temerosa,
Sobre este antro claustral de vicio e hypocrisia?!
Como deixas, Jesus, que, ao pé do teu calvario,
Se tripudie assim, em soltas bacchanaes?
Que a Luxuria bestial pullúa o teu santuario,
E que a Impiedade entõe o sacrosanto hymnario

Em canticos sensuaes?!
Como toleras tu que, impune, o Sacrilegio
Commetta, sem pudor, taes abominações?
E que um Rei, maculando o seu poder egregio,
Transforme a tua casa em um alcoice regio,

Com mil profanações?!
O' funebre Jesus,
Inerte sobre a cruz,

E's um Deus d'olhar morto e frios labios mudos!
Não são, pois, para ti os oiros e os velludos,
Não são, pois, para ti a myrrha, o incenso e a luz!
Não! Não são para ti os canticos divinos,
Tão vibrantes d'amor!

Um outro Amante acólhe o peito dos teus hymnos.
E beijam outro Esposo os labios purpurinos
Das Filhas do Senhor!

Horror! horror! O teu altar volvido, ó Deus!
Num thalamo pagão d'amor peccaminoso!
E as tuas monjas, despindo os habitos e os véus,
A darem, sem rubor, nem pejo, os labios seus
Aos labios sensuaes d'um Monstro, ebrío de goso!...
Ah! Senhor! ah! Senhor! apaga em meu olhar
A visão infernal, que, em vão, de mim afastou;
Apaga essa visão, que, infrene, a tumultuar,
De dôr faz desmaiar

Meu velho coração, mysticamente casto!...
E para que jámais tão monstruoso horror
Aos olhos meus assome,

—Pela tua paixão, por teu divino amor,
Tira-me a luz do olhar, ah! tira-m'a, Senhor,
Que eu bendirei teu nome!,"



ZULMIRA DE MELLO

PENSAMENTO

Uma nuvem cinzenta, qual cortina
Corrida pela mão d'ignota fada,
Toldou do ceu a limpidez doirada.
E' que no seio azul d'uma bonina,

Jaz uma borboleta pequenina.
O lirio pende a fronte contristada;
A rosa verte pranto, amargurada;
Suspira a perfumada galantina.

No monte, as campainhas amarellas
Dóbram funebremente, annunciando
A morte aos goivos, ás ancólias bellas,

E ás mais flores do val. De quando em quando,
O rouxinol da selva, ás mais singelas
Canções entôa, luctuoso e brando...

29 — XI — 903.

(Inedito).



ALFREDO PIMENTA

SOL

D'ALFREDO GUIMARAENS

(Carta a uma senhora)

Minha senhora :

Antes de mais nada, mil agradecimentos pela gentileza da sua carta q. o correio me entregou esta manhã, e mil desculpas por as palavras q. seguem não estarem d'accordo com o seo modo-de-vêr em Arte.

V. Ex.^a falla-me, loucamente e com amor, do *Sol* e dá a entender q. applaude aquelle *modus* de fazer Arte. V. Ex.^a gostou do livro, enthusiasinou-se pelo livro. Está no seo direito, minha Senhora. Mas o q. V. Ex.^a me não pode negar é o direito tambem de discordar e de lhe dizer as razoes porq. discordo.

Não ha duvida q. Alfredo Guimaraens tem um cerebro bem constituido e uns nervos de artista invulgares. Além d'isso, é novo, muito novo mesmo, p'ra q. possamos exigir d'elle uma obra de pulso, uma obra forte e definida. Mas, porq. a sua idade é pouca, não devemos tambem esconder-lhe os defeitos, para mostrar á luz só as bellezas.

De resto, devemos ser absolutamente sinceros, plenamente verdadeiros.

O livro d'Alfredo Guimaraens se não é uma *pochade* como por ex. o *Entre as Sombras* d'um idiota coimbrão Alfredo Cruz da Rocha Peixoto, não é tambem, como V. Ex.^a afirma, um bello livro.

Para q. a Arte do *Sol* fosse bella, era preciso, primeiro q. tudo, q. fosse verdadeira, q. tivesse um intuito racional e humano, q. symbolisasse uma crispção violenta de nervos, ou um grito alarmante de revolta.

Ora a verdade é que o livro d'Alfredo Guima-

raens é um brinquedo inoffensivo e, porq. inoffensivo, inutil.

E se não, diga-me V. Ex.^a o q. lucrou com a leitura do *Sol*. Esprema V. Ex.^a aquellas paginas e veja, Minha Senhora, se algum sumo tira.

Um homem q. lança um livro a publico, se nada nos dá de destaque, de relêvo, de frisante, pratica um crime moral, porq. nos roubou tempo q. poderiamos ter aproveitado com a leitura d'um periodico ou com a contemplação d'uma paisagem...

Eu, hoje, só leio parnasianos, quando não tenho q. fazer. Porq. quando quero extrahir utilidade do tempo, abro livros q. sejam como esponjas prenhes d'agoa.

São seios, Minha Senhora, incapazes de seccar, sempre promptos a darem-me o leite da Vida, esse leite bemdito em q. o nosso Pensamento se embriaga.

Ora o livro d'Alfredo Guimaraens por mais q. se esprema, por mais que se aperte, nem uma gotta lança.

E se não fossem alguns defeitos na constituição plastica do verso, algumas adjectivaçoens mal empregadas, eu colloca-lo-hia na seccção dos livros-*biscuits*, dos quaes o primeiro é o *Idmhea* de Arnaldo Pereira — esse poema admiravel como Arte, inutil e desengraçado como poema.

Livros, sem duvida optimos, para cima do *console*, indignos dos raios d'uma estante...

Porq. o facto é este: o *meio* em q. Arnaldo Pereira como Alfredo Guimaraens viveram não é proprio para livros como o *Idmhea* ou o *Sol*. Se V. Ex.^a se quizer dar ao trabalho de analizar as obras dignas d'admiração nos nossos escriptores, a partir da geração d'Anthero — o maior de todos os escriptores da litteratura portugueza — para cá com o *meio* q. os cercava, quando da sua concepção, V. Ex.^a verá q. verdadeira correlacionação, q. sujeição definida da obra ao *meio*.

E nem doutro modo podia ser, visto uma obra d'Arte ser o documento q., mais tarde, avivará uma epocha passada, uma vida já gasta. Ora V. Ex.^a diga-me o q. d'aqui a um seculo se vem a imaginar do nosso tempo, pela analyse do *Idmhea*, do *Sol* ou de tantos outros livros q. p'r'ahi ha.

Mas não vá V. Ex.^a imaginar q. detesto em absoluto o *Sol*. Não, Minha Senhora. Lá ha bellezas:

«Em damasco, que a luz broslava a oiro fino,
Amava a tua alcova em intimo segredo.
— Como um beijo de sol, que germinasse um hymno!
— Como um riso de moça a crepitar sem medo...»

«E no roupão em chamma, a comprimir-te o seio,
— Brincado em renda fulva, em renda perfumada—
Nasce-te a carne em flôr na ancia d'um meneco,
Como um sorriso na na bocca dilatada.»

«Talvez — pensando bem — que a pobre flôr doirada,
Que a tua mão prendeu num gasto sensabôr,
Inda procure ao sol, doente e exilada,
Algum botão gentil do mesmo tronco em flôr.»

«Ai! Duqueza, Duqueza, o mimo do teu leito!...
Teu pequenino pé tão lyrico de graça...»

Sem duvida alguma, estes versos q. cito, áparte o terceiro da terceira quadra q. é frouxo (citei-o, p'ra não estragar a ideia da quadra) são velhos. Mas é uma beleza de apparencia, q. nada contem, que nada adianta. E' como uma caixa-surpresa muito bem pintada, mas vasia.

Portanto, Minha Senhora, livros como este devem andar de-mão-em-mão e não passar d'ahi. E homems como Alfredo Guimaraens devem em-

pregar a sua força intellectual em obras fortes, obras em q. haja vida, em q. haja Natureza.

E, termino, porq. as trez da madrugada já bateram e eu tenho, d'aqui a 6 horas, de ir p'r'as aulas. E desculpe V. Ex.^a a minha massada, como eu lhe desculpo a illusão q. tem, gostando do *Sol*.

Coimbra.

De V. Ex.^a; com respeito.

Alfredo Pimenta.



ALFREDO GUIMARÃES

Thereza de Jesus

Eu que comprehendí o teu amôr,
E a ancía louca do teu cõrpo ardente,
Passo os dias a lêr na tua dôr
O mal de que se nutre toda a gente.

Vejo-te fraca, hysterica, doente,
Arrastar's pela lage o cõrpo em flôr,
No desejo, na ancía, de quem sente,
Por alguem que lhe foge, um grande amôr.

Menina e moça te fizeram freira...
E a chorar's, a chorar's, nessa canceira,
Lendo os teus versos, malaventurada,

Sinto envelhecer-te o cõrpo d'oiro
Ao clamar's pelo Christo magro e loiro...
O' linda freira, mystica exilada.

(Inedito).



JULIO DANTAS

Lyrical Excepcional

Não posso bem dizer ha quantos dias busco
A intimidade morna, a intimidade fina
D'aquella creatura esguia e manuelina,
Que tem costella d'ouro e graças de molusco.

Chloro-brightica, molle, um monstro de indolencia,
Diz coisas por acaso e pensa por engano;
Veste sempre de negro e tem, por consequencia,
O detestavel ar d'um vegetal humano.

Edêmas palpebraes, conjunctiva azulada,
Gengivas cõr de cêra. — em tudo se presente
A moderna chlorose ainda complicada
Com um certo *brightismo*, incontestavelmente.

Tem furias muita vez, contorce-se, estrebucha,
E essa linda cabeça em convulsões de chõro,
Pede o recõrte negro em que o divino Mucha
Contorna as explosões d'uma cabeça d'ouro.

E' architectural, — architectura doente, —
E tem no gesto em curva e no vestir complexo
Uma comprehensão da graça decadente,
Que a torna superior aos animaes do sexo.

Ha pouco me contou um velho que a visita
E assiste muita vez aos seus almoços largos,
Que essa desesperada herbivora exquisita
Adora a couve flôr e os languidos espargos.

Mas na sua pessoa, entre outras differentes
Ha uma imperfeição muito extraordinaria:
Dentro da bocca em flôr, nos pequeninos dentes,
Tem placasinhas d'ouro a encobrir-lhe a caria.

Arrasta as perversões banaes do sentimento
D'um systema nervoso enormemente insano;
E na aguda expressão dos beiços e do mento,
Lembra a *Mulher que Ri*, do nosso Columbano.



Cantigas da Luzitania

XXXII— Maria da Piedade!
Que nome te foram pôr...
Tu que não tens piedade
De mim, que te tenho amôr!

AFONSO LOPES VIEIRA.

XXXIII— Se beijos abraços são
Que as almas ligam, direi:
Quero livre o coração,
Volve-me quantos te dei.

ANTONIO MACIEIRA.

XXXIV— Debruçada na janella,
Onde te vejo, mulher,
Pareces mesmo uma estrella
Poisada num bem-me-quer.

JOÃO DA ROCHA.

XXXV— Como o vento, em ancía louca,
Desfolha a rosa, sem pejo,
Assim quizera, num beijo,
Desfolhar a tua bocca.

BERNARDO DE PASSOS.

XXXVI— Dorme e sonha, minha bella,
Embalada ao som do mar...
Cahi do ceu uma estrella,
Triste do que a viu tombar!

ANTHERO DO QUENTAL.

XXXVII— Dizem que beijos roubados
São os que sabem melhor:
Dos roubados, nem dos dados,
Nem se quer conheço a cõr.

MARIO MONTEIRO.